

SE MINISTÉRIO, DEDIQUEMO-NOS AO MINISTÉRIO

*Alderi Souza de Matos**

RESUMO

Um dos recursos mais valiosos que Cristo legou à igreja é o ministério, inspirado em seu próprio exemplo, ações e ensinamentos. O apóstolo Paulo menciona o serviço pastoral como um dos dons concedidos ao corpo e observa que ele deve ser exercido com profundo zelo e empenho. Partindo desse ensino em Romanos 12.7, este artigo considera sete exemplos eloquentes de dedicação ao ministério na história bíblica e eclesiástica: Moisés, Paulo, João Crisóstomo, João Calvino, Richard Baxter, Franklin Graham e o próprio Senhor Jesus Cristo. Franklin Graham foi o missionário presbiteriano pioneiro em Mato Grosso. O objetivo desta reflexão é estimular os pastores e outros obreiros que hoje se dedicam à árdua tarefa do ministério.

PALAVRAS-CHAVE

Ministério pastoral; História da Igreja; Moisés; Paulo; João Crisóstomo; João Calvino; Richard Baxter; Franklin Graham; Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO

A Escritura insiste que, quando nos envolvemos com alguma tarefa digna, devemos fazê-lo com plena dedicação, empenho e energia. Isso é especialmente verdadeiro e necessário quando se trata de um trabalho realizado para Deus. Seja esse trabalho realizado por pastores, presbíteros, diáconos, missionários, evangelistas, professores, administradores etc., deve ser realizado de modo íntegro e integral, com total envolvimento e compromisso. Esse é um desafio

* Doutor em Teologia (Th.D.) pela Boston University School of Theology; Mestre em Novo Testamento (S.T.M.) pela Andover Newton Theological School. Professor de Teologia Histórica no CPAJ, coordenador do programa de S.T.M., redator de *Fides Reformata*, historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

constante, porque com frequência sentimos o apelo de outros interesses, preocupações e mesmo distrações. O trabalho para o Senhor pode correr o risco de ficar em segundo plano, à margem de tantos outros compromissos e atividades sem conta. Vale a pena ouvir o que a Bíblia e a história têm a nos dizer sobre o assunto.

Como é sobejamente conhecido, a Epístola aos Romanos tem duas partes distintas, ainda que estreitamente associadas. Nos primeiros onze capítulos, o apóstolo Paulo fala sobre as grandes e sublimes verdades do evangelho. Ele não conhecia pessoalmente a igreja de Roma, estava prestes a visitar pela primeira vez essa importante comunidade cristã e sentiu a necessidade de apresentar com detalhes as suas convicções. Daí a majestosa e minuciosa exposição da fé cristã que ocupa dois terços da carta, proclamando a grandiosa obra de redenção que Deus realizou por meio de Cristo. Paulo discorre sucessivamente sobre a radical pecaminosidade e rebelião humana contra o Criador, a dádiva graciosa do Mediador e Reconciliador, a justificação pela graça mediante a fé, a nova vida no Espírito e outros temas solenes.

No capítulo 12, depois da rica doxologia que encerra a parte anterior, tem início uma nova seção da epístola. A conjunção “pois” indica que o apóstolo vai mostrar as implicações de tudo o que foi dito nos capítulos anteriores. Se Deus realizou tão grandiosa obra de salvação, Paulo mostra quais são as consequências disso para a vida diária do cristão. De maneira geral, este deve oferecer-se como sacrifício agradável ao Senhor (v. 1) e buscar uma profunda transformação interior (v. 2). Logo a seguir, o apóstolo chama a atenção para um tema favorito: a interação entre o indivíduo e a coletividade, entre unidade e diversidade. Apresenta então uma conhecida lista de diferentes dons concedidos pela graça (*charismata*, v. 6), em número de sete: profecia, ministério, ensino, exortação, contribuição, liderança e misericórdia. A ideia é que, embora exercidas por indivíduos, tais habilidades contribuem para o bem do corpo, da igreja.

No início do versículo 7 Paulo fala sobre o dom do “ministério”. No original está somente *eite diakonian en te diakonia*, literalmente “se serviço, no serviço” ou “se ministério, dediquemo-nos ao ministério” (ARA). Embora a NVI expresse bem o sentido do original – “se o seu dom é servir, sirva” –, o fato é que, ainda em um período remoto, a palavra *diakonia* passou a ter, além do sentido genérico de serviço ou ministração, também a acepção mais técnica de um serviço especial prestado a Deus e à igreja – o ministério. Daí passagens como Atos 6.4; 20.24; 21.19; Romanos 11.13; 2Coríntios 4.1; 5.18; 6.3; Colossenses 4.17; 1Timóteo 1.12; 2Timóteo 4.5,11 e Hebreus 8.6.

Obviamente, o ministério cristão é um tema de vastas proporções e múltiplos aspectos. Envolve qualificações e habilidades específicas, requer um chamado divino atestado formalmente pela igreja, inclui responsabilidades como pregação, ensino, liderança, aconselhamento, administração, pastoreio.

O objetivo deste artigo é destacar um aspecto da atitude com que essa atividade deve ser exercida – a dedicação e o zelo resultantes da consciência do mandato divino e da seriedade da tarefa. Para tanto, serão considerados alguns exemplos eloquentes, dentre os muitos encontrados nas Escrituras e na história da igreja. Esses exemplos são retirados de seis períodos: o Antigo Testamento, o Novo Testamento, a igreja antiga, a Reforma Protestante, o puritanismo e o trabalho missionário no Brasil. O texto encerra com o paradigma supremo, que é o próprio Senhor Jesus Cristo.

1. O LEGISLADOR DE ISRAEL

Desde o início da história bíblica, Deus chamou pessoas para servi-lo em diferentes capacidades, ao mesmo tempo em que exerciam suas ocupações profissionais e assim obtinham o sustento de suas famílias. O primeiro personagem chamado para um serviço de dedicação integral a Deus e ao seu povo foi Moisés. No seu discurso em Atos 7, Estêvão divide a vida desse patriarca em três períodos de quarenta anos (v. 23, 30, 36), sendo que o seu ministério como líder, libertador, legislador e pastor de Israel cobriu os últimos quarenta anos, desde que Deus lhe disse: “Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito” (Êx 3.10). Muito relutante a princípio, Moisés acabou assumindo plenamente a sua vocação, dedicando-se de maneira excepcional à árdua tarefa que Deus lhe confiou.

É inspirador observar, nos livros de Êxodo a Deuteronomio, a maneira zelosa, persistente e sacrificial pela qual ele libertou o povo da escravidão, mediou a dádiva da lei no Sinai e conduziu a multidão na longa e desgastante peregrinação no deserto, até chegarem à fronteira da Terra Prometida. Moisés tem muito a nos ensinar quanto à prática do ministério, no modo como se relacionou com o Senhor – a quem amava, mas cujas ações nem sempre compreendia – e como conduziu Israel em meio a suas inúmeras manifestações de rebeldia e desânimo. Em seu zelo, intensidade, renúncia e espírito intercessor, ele se tornou um modelo do ministério pastoral. O Antigo Testamento apresenta outros grandes exemplos de dedicação integral no serviço a Deus, especialmente entre os profetas. Em seu caráter, convicções, palavras e ações, Samuel, Elias, Eliseu, Natã, Isaías, Ezequiel, Daniel, Amós e muitos outros tipificam algumas das qualidades mais excelentes do ministério. Todavia, nenhum deles excede a personalidade, o carisma e o zelo de Moisés.

Ao mesmo tempo, embora Moisés sirva de grande inspiração para todos os ministérios do Antigo Testamento, o Senhor Deus mesmo é o modelo supremo como o Pastor de Israel (Sl 23.1), tanto para Moisés como para os profetas e outros líderes. Iavé ama, cuida, ensina e disciplina o seu povo. James F. Stitzinger comenta:

O Antigo Testamento oferece uma base importante para entender o ofício e função do pastor. O próprio Pastor revela seu amor, misericórdia, disciplina, compaixão e deleite paternal para com o seu povo, que ele deseja que o ame e o tema com um coração puro. A imagem de um pastor também demonstra a autoridade e a fidelidade de Deus, bem como a necessidade e implicações da obediência a ele.¹

Em seu zelo, solicitude e persistência, o Altíssimo e seu servo Moisés são modelos inspiradores para todos os que querem se dedicar sem reservas ao ministério.

2. O APÓSTOLO DOS GENTIOS

Quando nos voltamos para o Novo Testamento, à exceção do Senhor Jesus, o grande modelo de ministério pastoral é o apóstolo Paulo. Stitzinger observa:

As Escrituras são claras acerca do ofício e das funções do pastor. O padrão bíblico descreve um homem cheio do Espírito que oferece supervisão, pastoreia, guia, ensina e adverte – fazendo tudo com um coração de amor, consolo e compaixão.²

Isso certamente se aplica de modo notável ao apóstolo dos gentios. A mesma dedicação exemplar e incansável que devotara à religião tradicional em que foi criado (Gl 1.14), Paulo reproduziu em seu trabalho em prol do evangelho, agora com novas motivações. Uma das passagens mais tocantes nesse particular é o seu discurso aos presbíteros de Éfeso, onde afirma: “Em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, contanto que complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus” (At 20.24). Adiante acrescenta: “Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, por três anos, noite e dia, não cessei de admoestar, com lágrimas, a cada um” (v. 31).

A imagem que transparece em Atos e nas epístolas é a de um indivíduo focado, apaixonado, intenso, plenamente comprometido com o grande trabalho de sua vida. Seu amor e consagração a Cristo são incomparáveis. Seu devotamento aos discípulos de Cristo, seja coletivamente, seja individualmente, é igualmente admirável: “Tudo suporte por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória” (2Tm 2.10). Ele também se compadece profundamente do seu próprio povo judeu. Ecoando Moisés, que certa vez pediu a Deus que perdoasse Israel ou então riscasse seu nome do livro, Paulo chega ao ponto de dizer que “desejaria ser anátema, separado de Cristo”, por amor de seus irmãos segundo a carne

¹ STITZINGER, James F. Pastoral ministry in history. In: *Rediscovering Pastoral Ministry*. Org. John MacArthur Jr. Dallas: Word Publishing, 1995, p. 38.

² *Ibid.*, p. 41.

(Êx 32.32; Rm 9.3). Ele estava disposto a fazer esse horrível sacrifício, se possível, tal o zelo com que encarava o seu ministério.

3. O BOCA DE OURO

Ao longo da história do cristianismo, houve muitos personagens que se evidenciaram por seu trabalho heroico e abnegado em prol da igreja de Cristo. Um dos mais admiráveis foi João (349-407), bispo e patriarca de Constantinopla, o qual, em virtude de sua grande eloquência, foi homenageado *post mortem* com o título de Crisóstomo, ou seja, “boca de ouro”. O autor N. F. Hahn comenta que esse “notável pregador, escritor prolífico e exemplo de um viver generoso e santo, estimulou o cuidado pastoral personalizado por meio de pastores humildes e conscienciosos, algo que ele realizou com diligência em seu próprio ministério”.³ Esse destacado líder cristão delineou vividamente suas funções pastorais em seus sermões e no *Tratado sobre o Sacerdócio* (c. 386).

Crisóstomo também se destacou pela sua consciência social, considerando-a uma parte integral do seu ministério. Quando assumiu a sé de Constantinopla, vendeu valiosas obras de arte que seus predecessores haviam adquirido e recusou-se a oferecer banquetes suntuosos. Com isso, economizou o suficiente para construir um hospital. Ao mesmo tempo, censurou do púlpito os abusos de riqueza e poder que havia na cidade. Pregou contra os grandes pecados públicos da época, como corridas de cavalos, jogatina, linguagem vulgar, exposições teatrais, descaso para com os pobres e outras formas de imoralidade. Dessa maneira, granjeou muitos inimigos, inclusive na corte real. Em consequência disso, foi enviado para um penoso exílio na região do Mar Negro, o que apressou a sua morte.⁴

Apesar de suas origens aristocráticas e vasta cultura, vemos em João Crisóstomo um notável exemplo de dedicação integral ao ministério. Um autor observa que ele considerava o apóstolo Paulo como o pastor ideal, em sua disposição para morrer por suas ovelhas e em outros aspectos do ministério. O bispo de Constantinopla menciona em seus escritos o desejo do apóstolo de sofrer a punição eterna para que seus compatriotas segundo a carne pudessem ser salvos, mas não tinha a certeza de ter tamanho grau de amor pelos irmãos.⁵ Mesmo assim, sua dedicação ao ministério foi profunda e comovente.

³ HAHN, N. F. Chrysostom, St. John. In: *Dictionary of Pastoral Care and Counseling*. Org. Rodney J. Hunter. Nashville: Abingdon, 1990, p. 160.

⁴ *Christian History*, Issue 44, v. XIII, n. 4 (1994), p. 3, 9-11.

⁵ WILLIAMS, George. The ministry in the later patristic period (314-451). In: *The Ministry in Historical Perspectives*. Orgs. H. Richard Niebuhr; Daniel D. Williams. New York: Harper & Brothers, 1956, p. 68.

4. O REFORMADOR DE GENEBRA

Ainda que os reformadores de modo geral tenham sido dedicados pastores, vale lembrar aqui a figura ímpar de João Calvino. Mais conhecido como reformador, exegeta, teólogo e escritor, ele foi também um indivíduo profundamente dedicado ao ministério pastoral, possuindo uma elevada concepção desse ofício. Calvino declarou em sua obra magna: “Nem a luz e o calor do sol nem qualquer comida ou bebida são tão necessárias para a nutrir e sustentar a presente vida quanto o ofício apostólico e pastoral é necessário para preservar a igreja na terra” (*Institutas* IV.3.2).⁶ Como resultado dessa convicção, surgiu em Genebra a prática regular do *cuidado das almas*. As *Ordenanças Eclesiásticas* elaboradas pelo reformador prescreviam que cada ministro, acompanhado de um presbítero, visitasse regularmente os lares de sua paróquia. Em 1550, foi aprovada a resolução de que os pastores visitassem cada família pelo menos uma vez por ano. Teodoro Beza comentou sobre o efeito dessa decisão: “É difícil crer quão frutífera ela se mostrou”.⁷

Depois de dizer que o reformador tomou medidas para tornar Genebra uma comunidade ideal sob Deus, R. W. Crapps acrescenta: “Esse experimento representa a tentativa mais ampla no cristianismo protestante de oferecer orientação pastoral a toda uma cidade”.⁸ Tal autor também observa que a rigorosa disciplina exercida por Calvino em Genebra foi contrabalançada por seu lado pastoral mais suave. Suas cartas relatam numerosos exemplos de um pastor cheio de empatia por seus paroquianos afligidos por diferentes provações. Ele escreve a pessoas enlutadas de modo sincero e caloroso. Apoiando-se fortemente nas Escrituras, o reformador fala com uma convicção reconfortante.⁹

Calvino também deu extraordinária contribuição para um entendimento bíblico da teologia pastoral por meio de seus escritos. Ele dedicou o quarto livro das *Institutas* à igreja, pela qual nutria grande apreço e admiração, dando-lhe os títulos de “mãe” e “mestra”:

Pois não há outra maneira de entrar na vida a menos que essa mãe nos conceba em seu ventre, nos dê à luz, nos alimente no seu seio e, por fim, nos mantenha sob seu cuidado e direção até que, desvestidos da carne mortal, nos tornemos como os anjos. Nossa fraqueza não nos permite ser afastados de sua escola até que tenhamos sido alunos durante toda a nossa vida (*Institutas* IV.1.4).¹⁰

⁶ CALVIN, John. *Institutes of the Christian Religion*. The Library of Christian Classics, org. John T. McNeill; trad. Ford Lewis Battles. Filadélfia: Westminster Press, v. 2, p. 1055.

⁷ PAUCK, Wilhelm. Ministry in the time of the continental Reformation. In: *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 136.

⁸ CRAPPS, R. W. Calvin, John. In: *Dictionary of Pastoral Care and Counseling*. Org. Rodney J. Hunter. Nashville: Abingdon, 1990, p. 116.

⁹ Ibid.

¹⁰ CALVIN, *Institutes*, v. 2, p. 1016.

Stitzinger argumenta que Calvino encontrou os deveres de um pastor em toda a Bíblia.¹¹ Nas *Institutas*, nos comentários bíblicos e nas suas cartas ele deu grande ênfase ao trabalho ministerial nas áreas da pregação, governo e pastoreio do rebanho. É bem conhecida a estrutura de ofícios que ele propôs para a igreja reformada de Genebra, colocado em primeiro lugar os pastores, seguidos dos mestres, presbíteros e diáconos. Mesmo estes últimos exerciam funções tipicamente pastorais, os mestres ou doutores ensinando as Escrituras, os presbíteros exercendo a disciplina e os diáconos dedicando-se aos carentes e sofredores. No que diz respeito ao nosso tema, Calvino evidenciou, durante toda a sua longa estada em Genebra, uma profunda e incessante dedicação ao ministério pastoral, pregando, ensinando, defendendo a fé, aplicando disciplina, aconselhando e consolando.

5. O PASTOR DE KIDDERMINSTER

Na Inglaterra dos séculos XVI e XVII surgiu um dos movimentos cristãos mais fecundos de toda a história – o puritanismo. Profundamente influenciados pela cosmovisão calvinista, os puritanos deram estupendas contribuições nos campos da teologia, interpretação bíblica, adoração, espiritualidade, educação e cultivo intelectual. Movidos por seu intenso compromisso com a Escritura, fervor religioso e preocupação com a igreja, outra área de grande interesse dos puritanos foi a teologia pastoral, à qual não só dedicaram obras de alta relevância, mas uma práxis rica e vigorosa.

Nessa área, adquiriu grande notoriedade o teólogo e pastor Richard Baxter (1615-1691), mais conhecido por seu livro *O Pastor Reformado*, escrito durante seu ministério de dezenove anos na vila de Kidderminster (1641-1660). Nessa obra, ele desenvolve sua filosofia de ministério em torno de Atos 20.28, tratando dos labores, motivações, limitações e dedicação dos pastores. Stitzinger observa: “A obra é muitíssimo profunda e intensamente espiritual, ao fluir do coração de um pastor humilde para outros pastores”.¹² Baxter diz a certa altura:

Agora, por amor a Cristo e em prol de sua igreja e das almas imortais dos homens, rogo a todos os fiéis ministros de Cristo que presentemente e eficazmente se dediquem a esse trabalho... Esse dever não provém de nós, mas do Senhor.

No seu trabalho em Kidderminster, Baxter esforçou-se em oferecer assistência pastoral direta a todas as centenas de famílias da igreja, que eram recebidas anualmente por ele e seus auxiliares para momentos de aconselhamento e instrução. Percebendo que muitos de seus paroquianos eram grandemente ignorantes das coisas referentes à salvação, ele considerava mais proveitosas

¹¹ STITZINGER, Pastoral ministry in history, p. 53.

¹² Ibid., p. 57.

essas conversas pessoais do que as próprias pregações do púlpito. O ilustre ministro descreve o seu método:

Gastamos as segundas e terças-feiras nesse trabalho, desde a manhã até quase o anoitecer... recebendo cerca de quinze ou dezesseis famílias por semana, a fim de podermos cobrir em um ano toda a paróquia, que tem mais de 800 famílias. Posso dizer que até agora nenhuma família recusou vir a mim, e poucas pessoas se escusaram e rejeitaram. Vejo mais sinais exteriores de êxito na maior parte dos que vêm do que em toda a minha pregação pública a eles.¹³

Com isso ocorreu uma transformação dramática em toda a vida dessa comunidade. O. G. Oliver observa:

O Pastor Reformado (1656) descreve a supervisão que os pastores devem exercer primeiro sobre si mesmos e depois sobre o seu rebanho. Inclui orientação prática para lidar com os perenes problemas pastorais de instruir e guiar a igreja.¹⁴

O ilustre ministro também se destacou por seu espírito moderado e pacificador. O mesmo autor acrescenta: “Seus escritos são marcados por um zelo evangélico pelos perdidos, piedade genuína e o desejo de buscar reconciliação entre as belicosas divisões dos cristãos de sua época”.¹⁵ Excluído da Igreja da Inglaterra em 1662, junto com outros 2.000 pastores puritanos, Baxter deu continuidade ao seu ministério por meio de escritos e pregações.

6. UM MISSIONÁRIO NO BRASIL

Foram muitos os obreiros evangélicos de grande piedade e consagração que atuaram nas primeiras gerações da obra missionária no Brasil. Dentre eles, foi escolhido para compor esta galeria o Rev. Franklin Floyd Graham (1880-1948), missionário presbiteriano que serviu em várias regiões do país: Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás. Nascido numa região rural da Pensilvânia e graduado no Seminário Teológico do Oeste, em Pittsburgh, ele foi descrito por amigos e conhecidos como um jovem íntegro, consciencioso, confiável, dinâmico e com boas qualidades de liderança.¹⁶ Recém-ordenado, chegou a Salvador (BA) em setembro de 1910, aos trinta anos, e residiu inicialmente no interior de Sergipe.

¹³ Apud HUDSON, Winthrop. The ministry in the Puritan age. In: *The Ministry in Historical Perspectives*, p. 193.

¹⁴ OLIVER JR., O. G. Baxter, Richard. In: *Evangelical Dictionary of Theology*. Org. Walter A. Elwell. Grand Rapids: Baker, 1984, p. 130.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ MATOS, Alderi S. *Os consolidadores da obra presbiteriana no Brasil*. São Paulo: edição do autor, 2014, p. 300.

Em 1913, a serviço da Missão Brasil Central, fez uma longa viagem exploratória desde o sul da Bahia até Mato Grosso, atravessando o noroeste de Minas e o Estado de Goiás. Chegou a Cuiabá em outubro e visitou várias outras cidades da região. Permaneceu por um ano na capital mato-grossense, iniciando o trabalho presbiteriano nesse estado. Em novembro de 1914, recebeu os primeiros membros por profissão de fé. Nos anos seguintes, dedicou-se ao trabalho evangelístico e pastoral no centro de Goiás, tendo residido por muitos anos em Planaltina. Em dezembro de 1924, casou-se com a missionária Jean McDonald Porter, filha do Rev. Thomas Jackson Porter, com a qual teve três filhas e um filho.

Foi sempre um incansável evangelista itinerante, percorrendo imensas distâncias a cavalo pelos sertões do Brasil, pregando, ministrando medicamentos e distribuindo literatura. Suas virtudes cristãs impressionaram profundamente os que o conheceram. Filipe Landes destacou sua humildade, aliada a um espírito alegre e serviçal. Waldyr Carvalho Luz, que se hospedou com ele em Planaltina em 1944, descreveu-o como simples, piedoso, de imensa bondade, coração extremoso e consagração absoluta. Acrescentou que foi um imenso privilégio “conviver com esse santo servo de Deus, modelo de missionário, vida consagrada ao bem da gente brasileira”.¹⁷ Afirma que o obreiro foi um dos homens que achou mais parecidos com Cristo. O Rev. Graham faleceu em São Paulo depois de quase 40 anos de incansável labor ministerial no Brasil.

7. O SUPREMO PASTOR

À exceção de Moisés, todos os personagens tratados neste artigo se inspiraram grandemente no exemplo de Jesus. O Senhor é o grande paradigma do ministério cristão no sentido original de *diakonia*, de serviço a Deus e aos seres humanos, como ele mesmo declarou: “No meio de vós, eu sou como quem serve” (Lc 22.27b). A. J. Malherbe observa:

Todas as formas de serviço são ministérios de Jesus Cristo e derivam dele sua autoridade. Toda a vida de Jesus, especialmente na cruz, é interpretada como um ato de ministério (Mc 10.45). O estilo servidor de Jesus contrasta com a depreciação grega do servo que considera grande aquele que é servido.¹⁸

Assim como os ofícios do Antigo Testamento se inspiram em Moisés, o mediador da aliança, Cristo é a fonte de todos os ministérios do Novo Testamento. Nos evangelhos, ele concentra e executa todos os papéis de liderança claramente definidos que a igreja primitiva mais tarde vai identificar como centrais em sua vida – apóstolo, profeta, mestre, pastor.

¹⁷ Ibid., p. 304.

¹⁸ MALHERBE, A. J. Ministry (Biblical origins and principles). In: *Dictionary of Pastoral Care and Counseling*, p. 731.

Como modelo de integral dedicação à tarefa que lhe foi confiada, o Filho vê a si mesmo e é visto por seus apóstolos como um pastor amoroso, evocando o Salmo 23 e inúmeras outras passagens do Antigo Testamento. Isso pode ser observado tanto no Quarto Evangelho como nas epístolas (Jo 10.11; Hb 13.20; 1Pe 2.25; 5.4). A expressão suprema dessa dedicação é o fato de que ele dá a vida por suas ovelhas. Ao mesmo tempo, chama outros para seguirem seus passos e serem pastores como ele (At 20.28; 1Pe 5.2). Um texto clássico é 1Pedro 5.1-5, onde o líder do colégio apostólico diz: “Rogo aos presbíteros que há entre vós, eu, presbítero como eles... pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós... Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa de glória”. Para os nossos propósitos, vemos no Mestre esse senso de consagração plena ao ministério, de submissão irrestrita à vontade do Pai, de disponibilidade contínua para com seus discípulos e as multidões, de concentração sem reservas na sua missão.

CONCLUSÃO

Parafraseando o autor de Hebreus, uma vez que estão rodeados de tão grande nuvem de ministros fiéis, do passado e do presente, os obreiros cristãos são exortados a exercer seu trabalho com igual espírito. Seja qual for a área do reino em que servem, qualquer que seja o ministério que exercem – pastores, presbíteros, diáconos, missionários, evangelistas, educadores, musicistas, administradores e outros –, que possam fazê-lo com integridade, interesse pelas pessoas e senso de mordomia, sabendo a quem devem prestar contas. “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens, cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo” (Cl 3.23s).

ABSTRACT

One of the richest resources Christ bestowed on his church has been the ministry, inspired by his own example, actions, and teachings. The apostle Paul mentions pastoral service as one of the spiritual gifts given to the body and remarks that it must be exercised with profound zeal and dedication. Starting from this teaching in Romans 12:7, this article considers seven inspiring examples of dedication to the ministry in biblical and ecclesiastical history, namely, Moses, Paul, John Chrysostom, John Calvin, Richard Baxter, Franklin Graham, and Jesus Christ himself. Franklin Graham was the pioneer Presbyterian missionary in the Brazilian state of Mato Grosso. The purpose of this reflection is to encourage the pastors of today who devote themselves to the strenuous task of ministry.

KEYWORDS

Pastoral ministry; Church history; Moses; Paul; John Chrysostom; John Calvin; Richard Baxter; Franklin Graham; Jesus Christ.